Para: Abilio Araujo

José Ramos-Horta
P.1

CDI
DOCUMENTAÇÃO
S/ TL7335

Depoimento de Jose Ramos-Horta,
Secretario para Relacoes Internacionais & Informacao
e Representante da FRETILIN
junto a Organizacao das Nacoes Unidas,
para Jose Alexandre "Xanana" Gusmao,
Comandante da Resistencia Maubere

1. Introducao.

As suas varias mensagens e cartas chegaram ao meu conhecimento. Li-as atentamente e reflecti no seu conteudo. Dada a importancia das questoes fundamentais postas nas mesmas, decidi escrever-lhe directamente para lhe oferecer a minha reflexao sobre a nossa luta em geral e, em particular, no plano externo.

Este meu depoimento é complementado pela Declaracao da reuniao extraordinaria da DRSE, de 9 de Julho de 1989, minha carta aberta de 21 de Fevereiro de 1989, dirigida aos jovens e estudantes timorenses em Timor Leste e na Indonesia. Sugiro igualmente a leitura do meu livro Funu: The Unfinished Saga of East Timor", publicado em Nova Iorque em 1987, e cuja versao Portuguesa esta prevista para Outubro de 1989. Sei que alguns exemplares da edicao americana chegaram a Timor Leste e enviei um especialmente para o companheiro. Julgo que uma leitura atenta dos quatro documentos ofereceria uma visao de conjunto, tao aprofundada quanto possivel e sobria, da problematica de Timor Leste nas suas varias vertentes.

2. Onde me posiciono.

Ao longo de 14 anos de luta, procurei sempre evitar envolver-me em estereis e quixotescas corridas ao poder e divisionismo que tanto mal tem causado a nossa causa. Ninguem

me podera acusar de ter tentado aliciar seja quem for para a minha "faccao" - se é que tive ou tenho alguma. Servi o meu povo, atraves da FRETILIN, dando o melhor de mim desde 1974 - e mesmo durante o periodo colonial.

Sempre me identifiquei como social democrata. Fui fundador da ASDT porque acreditava - e acredito - na social democracia. Nunca me arrependi disso. Nao direi que a social democracia é a resposta perfeita para os problemas e anseios dos povos. Mas entre os dois males, o comunismo despotico e retrogrado e o capitalismo selvagem que so tem arruinado os paises em vias de desenvolvimento, a social democracia e, ate agora, a terceira alternativa que tem um recorde de sucessos pelo mundo fora.

Certa esquerda dos anos 70 me apelidava de burgues, reaccionario e oportunista. Certos megalomanos, encabecados pelo "famoso" Rogerio Lobato, acusaram-me de traidor e capitulacionista quando eu advogava moderacao e pragmatismo. O Rogerio Lobato reclamava-se guardiao da verdadeira "linha revolucionaria" - e quem tivesse a temeridade de manifestar a sua discordancia com o antigo aspirante-amanuense do exercito colonial portugues corria o risco de ser morto. Nunca me esquecerei de que fui vitima, inumeras vezes, desse famoso "revolucionario", o qual tentou mesmo aliciar a ETA basca para me liquidar.

Quando logo apos a invasao - e mesmo antes, ainda no periodo de Setembro a Dezembro de 1975 quando a FRETILIN detinha o controle de Timor Leste apos a derrota militar da

UDT - advogava a reconciliacao com a UDT e com todos os irmaos nacionalistas quase paguei com a vida essa temeridade. Hoje, passados quase 14 anos de luta sangrenta, nao deixarei que a falsa modestia me retire o orgulho de constatar que nao mudei a minha conviccao social democrata, a minha rejeicao do marxismo academico, as minhas posicoes sensatas no dominio diplomatico.

Nao tenho licoes a receber de ninguem em relacao as questoes de unidade nacional, tolerancia, moderacao. Todas as minhas teses em materia de politica externa se confirmam ou nao foram desmentidas pelo tempo.

Em 1974 batalhei pelo projecto de Coligacao FRETILIN-UDT; ainda no periodo quente de 1975, logo apos o tristemente célebre e tragico golpe armado da UDT, enviei uma mensagem ao Presidente Xavier do Amaral e outra ao Sr. Joao Carrascalao, da UDT, apelando a Unidade. Em 1976 continuei a batalhar pela reconciliacao e unidade nacionais. Em 1977, enderecei uma carta a lideres da UDT, esta ainda inactiva na Australia e em Lisboa; nao se fazia sentir a sua postura no plano internacional; nessa carta fiz apelo a direccao da UDT para se juntar a FRETILIN na nossa campanha internacional.

Em 1979, reuni-me em Nova Iorque com varios lideres da UDT, entre os quais o seu actual lider, o Sr. Paulo Pires, e outros nacionalistas que haviam formado o chamado MLITD, agora defunto, propondo-lhes, nessa ocasiao, a formacao de um "Congresso dos Timorenses" que abarcasse todos os nossos irmaos nacionalistas. As condicões nao existiam, na altura, para uma reconciliacao. As feridas da guerra civil de 1975

ainda estavam demasiado frescas. Nao deixei, no entanto, de manter o dialogo com lideres da UDT. Foi esse dialogo com os nossos irmaos da UDT e outros e a minha rejeicao das posicoes sloganescas de "negociacoes nunca" que me valeram o rotulo de "traidor" e quase me custaram a vida.

Em 1984, a quando da minha visita a Australia, apos uma ausencia involuntaria de sete anos, abordei de novo os lideres da UDT radicados naquele pais com vista ao estabelecimento do que é hoje a Convergencia Nacionalista. Nao foram precisas directívas do interior. Aliás, que eu me recorde, ate essa altura, nao havia qualquer directiva especifica da direccao nesse sentido. Apelava-se a Unidade Nacional, mas sem qualquer instrucao especifica.

Tive reunioes com todos os lideres da UDT radicados em varias cidades australianas, nomeadamente, Domingos Oliveira e Joao Carrascalao, os quais foram os mais receptivos interlocutores que tive durante esse processo.

O processo de contactos com a UDT em Portugal foi confiado ao camarada Abilio Araujo o qual nao se poupou a esforcos para levar avante o projecto unitario. (Continuarei a usar o termo camarada que, alias, é usado por todos os partidos socialistas e sociais democratas europeus. O termo nao e um monopolio dos comunistas. Ja os Nazis o usavam; na "Mocidade Portuguesa" salazarista tambem se usava esse termo; entre os prossionais de Imprensa se usa a palavra camarada assim como na antiga tropa portuguesa, lembra-se?)

A reaccao dos lideres da UDT em Portugal foi de muita

hesitacao e mesmo de hostilidade, ao contrario da direccao da UDT na Australia. No entanto, gracas a intervencao do deputado Anacoreta Correia (CDS) a UDT finalmente foi persuadida a aceitar o Projecto de Unidade que veio a ser consagrado na Convergencia Nacionalista em Marco de 1986. E falso pois dizer-se que a DFSE nao apoiou o projecto da CN. Pelo contrario, a DFSE foi a impulsionadora do projecto.

3. O seu afastamento da FRETILIN.

Concordo com o seu afastamento da politica partidaria para ser o Chefe da Resistencia. Lamento-o pois agora e no futuro o companheiro é e seria um elemento importante na vida partidaria da FRETILIN. Por outro lado, nao ha quaisquer razoes objectivas para que saisse da FRETILIN pois mesmo enquanto lider da FRETILIN ja era aceite por todo o povo como Chefe da Resistencia. Por outro lado, nao deixo de me orgulhar -e me alegra - saber que um lider da FRETILIN e aclamado como lider da Resistencia, aceite e respeitado pelos dois grandes partidos timorenses, a FRETILIN e a UDT. A verdade é que nao teria sido necessario esse seu afastamento pois a sua figura ja era venerada por todos os nacionalistas timorenses, independentemente da sua filiacao partidaria. A UDT ja reconhecia no companheiro Xanana o Lider da Resistencia.

4. Dissolucao da DFSE?

Ao afastar-se da direccao da FRETILIN, o companheiro Xanana perdeu toda e qualquer voz activa nas estruturas

internas da FRETILIN. Nao lhe assiste assim o direito de propor a dissolucao da DFSE.

Na DFSE estao integradas dezenas de militantes da FRETILIN em Portugal, Australia, Angola e Mocambique. Sao homens e mulheres que merecem todo o meu respeito pela sua devocao a nossa causa. Estes militantes terao justa critica a fazer a actuacao da DFSE, no seu todo ou individualmente. Eles fazem parte integrante da DFSE e teriam que ser ouvidos caso quisessemos alterar as estruturas da FRETILIN no exterior.

5. DRSE?

Essa estrutura que substituiria a DFSE nao tem pois qualquer cabimento porque a decisao do companheiro Xanana em dissolver a DFSE é ilegal. Por outro lado, quando uma determinada decisao afecta um outro partido, o minimo que se pode esperar que a direccao do mesmo seja consultado.

Respeito os lideres da UDT enquanto lideres da UDT. Fora disso, reservo a minha opiniao quanto as qualidades de lideranca, formacao politica e sagesse diplomatica de cada lider da UDT ou de qualquer outra personalidade timorense para assumir a direccao de uma estrutura extra-partidaria a qual estariam submetidos os dois partidos.

Por outro lado, reservo o direito de aceitar ou rejeitar individuos e/ou organizacoes criadas no exterior ou impostas do interior. Ao longo de 15 anos, servi lealmente o meu povo e acatei as directivas emanadas do interior. Tive a

coragem em manifestar a minha discordancia em relacao a certas decisoes do CCF, no periodo triunfalista de 1975-1979 em que as vozes moderadas eram acusadas de traidores. Mas mantive-me dentro da organizacao. Manifestei a minha frontal discordancia em relacao a criacao do "PML", mas mantive-me leal aqueles herois que dirigiam e dirigem a luta no territorio.

No exterior, conheco todos os timorense e a contribuicao de cada um para a luta ao longo dos ultimos 14 anos. Conheco as qualidades, os defeitos e limitacoes de cada um. O companheiro Xanana, estando no interior do pais, nao está em posicao de fazer nomeacoes para o exterior e de impor estruturas, assim como eu nao teria o arrojo de fazer nomeacoes e propor estruturas para o interior. Comungo do pensamento unitario do companheiro Xanana, faco meus os seus apelos a Unidade. Mas a Unidade nao é feita atraves de nomeacoes e estruturas mal pensadas e impostas do interior para o exterior ou vice-versa.

A CN, criada em 1986, depois de esforco aturado da DFSE, tem funcionado plenamente e nao precisa de novas estruturas.

A dita "DRSE" nao traz nada de novo a CN. Julgo que estamos razoavelmente capacitados para criar uma estrutura formal se e quando a julgarmos necessaria. Se a dita "DRSE" visa envolver elementos "apartidarios", devo dizer que nunca a FRETILIN enjeitou a cooperacao de qualquer timorense que quisesse participar na nossa luta. E o caso do Monsenhor Lopes a quem a DFSE sempre deu todo o seu apoio. Sempre houve

entre nos a mais intima colaboracao. Nao tenho conhecimento de qualquer outro timorense "independente" que ja tenha dado provas de seriedade, dedicacao e competencia. Em Portugal e na Australia ha muitos "doutores" e "independentes" que tem dado provas de muito "portuguesismo" e nada mais.

6. Criticas a DFSE.

Nao serei eu a defender a DFSE no todo. Serei eu proprio a apontar os erros, as falhas, negligencias e desercao de responsablidade por parte de um ou outro alemento dirigente da DFSE.

A DFSE nao tem funcionado em pleno. Membros ha que nao sabem o que é a eficiencia, rapidez na execucao das tarefas. A carga de trabalho é muito desigual. Ha alguns que trabalham mais afincadamente; outros ha que nao cumprem com as tarefas que lhe sao atribuidas por comodismo e negligencia.

A DFSE deve ser democratizada. Tenho proposto vai para algum tempo (sem que nenhum outro dirigente da DFSE me tenha dado ouvidos...ate parece que nao gostam de eleicoes!) a realizacao de eleicoes de mais membros para o CCF no exterior e para a chefia da DFSE, pelo voto secreto, entre todos os militantes da FRETILIN em Portugal, na Australia, em Angola e Mocambique. Nao posso conceber uma organizacao politica cujos lideres nao sejam eleitos democraticamente pelo voto secreto dos seus membros. Os quadros e militantes da FRETILIN no exterior conhecem bem cada membro da DFSE e julgo que saberao fazer a escolha sobre quem deve dirigi-los.

José Ramos-Horta
P. 9

Por outro lado, ha quadros e militantes que tem demonstrado excepcionais qualidades humanas e politicas, estando pois sobejamente qualificados para serem eleitos para funcoes de direccao. O camarada Abilio Araujo tem que ser sujeito a eleicoes, assim como todos e cada um de nos. A eleicao é um voto de confianca que legitima quem esta na chefia.

Por outro lado, devemos igualmente analisar a origem e natureza das criticas a DFSE.

Donde partem as criticas a DFSE? Os detractores da DFSE oferecem melhores alternativas? Qual a sua proposta de accao? Qual a sua estrategia politica e diplomatica? Oferecem algo de novo, criativo, que nos faca sair desse impasse? Ou irao ficar-se nas criticas negativas? Ou talvez venham a fazer "sugestoes" que ja foram ensaiadas pela DFSE (ou por mim) ha muitos anos?

Em inumeras ocasioes desafiei os criticos de cafe a fazerem melhor. É facil tecerem-se criticas, sentados nas esplanadas da Baixa lisboeta, em frente a um pratalhao de bacalhau cozido com grao, bem regado com tinto, entre fumacas de cigarro, arrotos bem ruidosos, tudo bem portuguesmente. Ja é outra coisa abandonarem os seus empregos de Estado em Lisboa, os seus trabalhos em Sidney, Melbourne, ou sacrificar alguns fins-de-semana, ou mesmo as suas ferias anuais para se dedicarem a grande e ingrata tarefa de mobilizacao da solidariedade internacional. Ja é bem mais dificil enfrentar as hostes de diplomatas indonesios e seus aliados nos aeropagos internacionais como tenho feito desde 1974.

Companheiro Xanana: servi a nossa causa comum na ONU

durante 13 anos; durante estes 13 anos percorri o mundo inteiro, desde os EUA ao Canada, Mexico, Brasil, a Europa inteira, o Japao, a China, Australia, o continente africano, para falar sobre a nossa causa sagrada, os sofrimentos do nosso povo, o heroismo dos nossos combatentes, em defesa do direito do nosso povo a livre auto-determinacao. Nao poderei comparar as frustracoes da luta diplomatica com a dureza da luta armada. Mas nenhum timorense no exterior, dentro e fora da DFSE, tera a moral para dizer que fez mais e melhor em prol da nossa causa.

Dos "doutores" meio timorenses, meio portugueses, que por ocaso nasceram em Timor Leste e por acaso vivem em Portugal e se contam entre os portugueses dos melhores, (alguns medem o seu portuguesismo pelos bacalhaus e tintos que conseguem engolir) nada tenho a aprender. Aprendi a politica internacinal, a arte e a ciencia da diplomacia, nos bastidores da ONU e com os melhores profesores dos EUA e da Europa. Duvido que haja alguem que possa fazer mais e melhor.

Quando em 1975 o Conselho de Seguranca da ONU se reuniu sobre a invasao de Timor Leste, fui eu o porta-voz do nosso povo; fui eu e outros companheiros da DFSE que ao longo de muitos anos, desde 1975, mantivemos viva a nossa bandeira. Foi a DFSE que tornou a nossa luta conhecida por esse mundo fora. Nao foram os "doutores" de cafe de Lisboa que negaram a Indonesia a vitoria diplomatica pela qual ela sempre batalhou. Foi a DFSE.

A nossa funcao no exterior e fundamentalmente politica

Jose Ramos-Horta
D. 11

e diplomatica. O trabalho e dificil e frustrante. Exige-se muita paciencia, persistencia e competencia. O trabalho diplomatico nao pode ser feito aos fins-de-semana; a diplomacia nao se faz nos cafes da Baixa lisboeta ou nos suburbios etnicos de Sydney. A diplomacia nao se limita a uma discursata ocasional. Isto e o menos importante. Ela tem que ser feita 365 dias por ano, em contactos bi-laterais, atraves do fornecimento regular de informacoes crediveis aos diplomatas, politicos e governantes, aos orgaos de Informacao internacional. A diplomacia exige paciencia e sabedoria. Ela nao é para gabarolas, aldraboes e analfabetos.

7. Profanar as campas dos nossos herois.

Companheiro Xanana: a FRETILIN cometeu erros, assim como a UDT. Lembre-se que foi a UDT que rompeu unilateralmente com a coligacao em Maio de 1975. Foi a UDT que desencadeou o golpe armado de Agosto de 1975 e foi a UDT que fez o volte-face e assinou a peticao de integracao na Indonesia em Novembro de 1975, facto que foi largamente explorado pela diplomacia javanesa nos fora internacionais e que muitos danos causou a nossa luta diplomatica. Quando em Dezembro de 1975 e Abril de 1976, falei perante o Conselho de Seguranca da ONU, defendendo a nossa causa, os lideres da UDT, Mario Carrascalao e Chico Lopes, puseram-se no campo oposto, ao servico do invasor. Ainda hoje, muitos elementos ligados a UDT, (familia de Lopes da Cruz) estao entre os maiores facinoras a soldo dos indonesios. No entanto, nunca alguma vez a DFSE responsabilizou a UDT no exterior por actos

praticados por certos elementos ligados a essa organizacao apesar de que, segundo a UDT no exterior, o Chico Lopes continua Presidente da UDT e o Mario Carrascalao, membro de CC.

Atrocidades cometeram-nos os dois partidos durante o periodo de Agosto/Setembro de 1975. Sei que apos a invasao, monstruosas accoes foram cometidas por certos elementos da FRETILIN contra os prisioneiros da APODETI e da UDT.

No entanto, chocou-me profundamente que o companheiro Xanana tenha desenterrado o passado para culpar os "Universitarios" (leia-se o grupo ido de Lisboa em 1974) dos erros cometidos pela FRETILIN. Nao sou "marxista", nunca o fui. Fui perseguido, insultado e humilhado por alguns dos marxistas. Estou pois a vontade para falar sobre esse assunto. Sei que cometeram erros. Todos nós os cometemos. Nao foram assassinos. Assassinos e traidores foram certos elementos da faccao direitista da FRETILIN. Sejamos honestos com os mortos e o passado se quisermos falar do passado. Do Nicolau Lobato, Vicente Sah'e, Carvarino e outros, so tenho ouvido as melhores referencias por parte daqueles que estiveram com eles no mato como seus prisioneiros, entre 1975 e 1978. O saldo nao sera so negativo como o companheiro Xanana quer fazer crer nas suas mensagens ao fazer a sua propria reviravolta ideologica. Alias, se relermos algumas suas mensagens recentes, reconhece que foi a FRETILIN, tem sido a FRETILIN, a portadora da chama da resistencia. Sou timorense e orgulho-me desses marxistas que tombaram de armas na mao. Companheiro Xanana: sou social democrata, nao-

marxista, e defenderei a memoria dos marxistas que tombaram de armas na mao assim como defenderei o nome do companheiro e a sua memoria se algum dia, que espero nunca chegue, nao estiver mais entre nos. Todos devemos respeito aos nossos herois. Nao profanemos a sua memoria, desenterrando o passado, reescrevendo a historia ou omitindo factos.

8. As causas da invasao.

Surpreendeu-me que nas suas mensagens tenha retomado a tese simplista de certos "doutores" e padrecos e politicos de meia tigela, de que a invasao foi provocada pela ameaca da instalacao em Timor Leste de um regime de esquerda via FRETILIN. Esse foi tambem o argumento dos militares indonesios junto de certos parceiros ocidentais. No entanto, a invasao foi sim a consumacao logica dentro de um esquema de pensamento bem javanes. Timor Leste faz parte do arquipelago, logo deve fazer parte da Republica.

Os militares indonesios receavam um Timor Leste independente nao porque ele poderia ser uma plataforma sovietica na regiao. Receavam sim que um Timor Leste independente viesse a fazer renascer as lutas separatistas no arquipelago. Essa era a sua grande preocupacao agravada ainda pelo velho sonho javanes de reconstruir os defuntos imperios dos Sec. VII e XIII que se estendiam ate as Filipinas e o Madagascar.

A decisao de Jakarta de incorporar Timor Leste na Republica foi tomada muito antes da criacao da FRETILIN em

Setembro de 1975. Ainda no periodo da existencia da ASDT, antes da chegada dos ditos "universitarios", ja o Gen. Ali Moertopo havia formulado a operacao "Komodo" que tinha um unico objectivo: a incorporacao de Timor Leste na Republica. Essa operacao era multifacetada, mas tinha duas fases principais: a fase politica, isto é, o desenvolver de todo um processo politico, via propaganda, corrupcao e intimidacao, que levasse os lideres timorenses e o povo a aceitar a integracao pacificamente; a fase militar, caso a primeira falhasse.

Querido companheiro: em 1974 tinha eu apenas 24 anos de idade. Nao tinha qualquer formacao politica, nenhuma experiencia diplomatica. No entanto, nao me faltava o senso comum. Deve lembrar-se que em Maio/Junho de 1974 me desloquei ao Kupang e a Jakarta onde me avistei com lideres indonesios, nomeadamente, com o entao MNE Adam Malik. A partir dai os contactos repetiram-se. Em Abril de 1975, encontrei-me com o Gen. Ali Moertopo. Em todas os meus contactos, frisei sempre os seguintes pontos:

*** um Timor Leste independente cultivaria relacoes especiais com a RI atraves da celebracao de acordos economicos, culturais e mesmo militares com a RI;**

*** associar-se-ia a ASEAN;**

*** teria relacoes preferenciais com a Australia e a NZ.**

Muitas outras garantias foram transmitidas aos indonesios. Prestaram atencao alguma as minhas "demarches"?

José Ramos-Horta
P. 11 -

Nao. A verdade é que os militares indonesios ja tinham tomado uma decisao sobre o futuro de Timor Leste, a sua incorporacao na RI. Em Abril de 1975 reuni-me com os estrategas do CSIS em Jakarta. A minha preocupacao era ganhar tempo para que a questao de Timor Leste fosse mais conhecida pelo mundo fora e fosse internacionalizada. Assim, tentei convencer os meus interlocutores em Jakarta de que a opcao integracionista teria chances se a Indonesia apostasse na via politica, isto é, nas eleicoes. A verdade é que os proprios indonesios sabiam que a APODETI nao teria quaisquer chances em eleicoes livres e quanto mais esperassem mais avancos a FRETILIN e a UDT fariam. Nas primeiras eleicoes realizadas em Marco/Abril de 1975, a maioria dos delegados eleitos eram militantes ou simpatizantes da FRETILIN.

Claro, os partidos timorenses facilitaram a estrategia indonesia ao guerrearem-se. Apos a grande vitoria politica de Janeiro de 1975 em que a FRETILIN e a UDT assinaram a Coligacao, a UDT, influenciada pelos indonesios, atraves do famigerado Lopes da Cruz, este ja feito com Jakarta, rompeu a coligacao unilateralmente. Sim, companheiro Xanana, o rompimento da coligacao partiu da UDT, instigada por Francisco Lopes da Cruz, agora "deputado" fantoche da Indonesia. Depois veio o golpe de 11 de Agosto de 1975. Este tambem partiu da UDT. Depois veio a guerra civil. O companheiro considera o contra-golpe da FRETILIN como a causa mais proxima da invasao. Teremos sido persuadidos pela propria propaganda inimiga de que invadiu Timor Leste para acabar com a "guerra civil" (esta terminada em Setembro de

1975) e para restaurar a "paz e a ordem" (quando a FRETILIN havia instalado em todo o territorio uma administracao de facto)?

Ainda em Agosto de 1975, logo a seguir ao golpe da UDT, encontrando-me na Australia, enviei uma mensagem a direccao da UDT em Dili, manifestando o meu apoio a formacao de uma Frente Unida, sem os radicais da FRETILIN e ofereci-me para mediar entre os dois partidos. O entao "mestre da festa", Sr. Joao Carrascalao, rejeitou a minha proposta e chamou-me de varios nomes numa carta enviada a um diario australiano.

Estes sao apenas alguns factos para repor a verdade. Sao factos indesmentiveis que posso provar com abundante documentacao. No entanto, nao é minha intencao repisar o passado.

Estou a vontade em tudo isto: nunca ninguem ouviu da minha boca qualquer declaracao triunfalista de "negociacoes nunca!". Sempre me guiei pelo bom senso. Do lado da FRETILIN ninguem me podera acusar de ter sido extremista nem tao pouco de conformista. Do lado da UDT tambem ninguem tera um dedo para me apontar em como eu tenha participado em actividades extremistas no periodo de 1974-1975. Quando a FRETILIN detinha o controle da capital entre Setembro e Novembro de 1975, visitei varias vezes os lideres da UDT nas nossas prisoes. Apresentei uma proposta ao CCF em que se libertaria a direccao da UDT presa em Dili para que esta denunciasse a outra faccao ja refem no Timor indonesio e passasse a trabalhar connosco. Cheguei mesmo a contemplar uma digressao

pela Australia com lideres da UDT. Infelizmente, a minha proposta nao foi considerada com a seriedade que ela merecia. Os ressentimentos, as feridas da guerra civil, eram demasiado fortes. A maioria do CCF receava a reaccao dos "milicias" da Fretilin.

9. O "PML".

O companheiro Xanana lembrar-se-a que quando decidiu criar o "PML", eu manifestei a minha discordancia. Num memorandum enviado ao Chefe da DFSE, manifestei essa minha discordancia com base em razoes filosoficas e tacticas. Sendo social democrata por conviccao nao podia associar-me ao "PML". Por outro lado, alarmava-me a criacao do "PML" por razoes tacticas.

Li, na altura, as teses do companheiro Xanana, nas quais defendia a criacao do "PML". As suas teses pareciam partir de alguem que sabia o que estava a fazer, que tinha reflectido profundamente sobre a luta, o passado e o presente, perspectivou os caminhos a seguir apos os reveses de 1977-1979, e tracou uma nova estrategia politica baseada no M-L. Mantive-me na FRETILIN enquanto FRENTE ampla, nacionalista. Continuei a servir a causa e a respeitar todos os dirigentes M-L que liderevam a luta armada apesar de que discordava frontalmente com a formacao do "PML".

O companheiro Xanana, entretanto, fez um volte-face. Dissolveu o "PML" e agora proclama-se anti-marxista, Chefe das Forcas Armadas e arbitro. Continuo a venera-lo enquanto lider da resistencia armada. Continuo a venera-lo enquanto

combatente, assim como venero a memoria dos "comunistas" que tombaram no campo de batalha ou nas prisoes javanesas.

10. O papel das FALINTIL.

Concordo com a nova fisionomia incutida as FALINTIL. Exercito Nacional nao filiado a qualquer partido. No entanto, nao posso deixar de lembrar que nao existe na historia das lutas de libertacao qualquer precedente em que um Exercito de Libertacao nao tenha uma direccao politica. A guerra e um instrumento de politica, usado por um determinado governo, in extremis, como meio de pressao sobre o opositor domestico ou externo quando nao consegue alcancar os seus objectivos pela via politica.

Concordo em que as Forcas Armadas sejam o garante da Paz. Que sejam neutras, apartidarias, num pais livre. Num pais em guerra, as Forcas Armadas tem que obedecer a uma direccao politico-militar.

Num pais livre, apos a guerra, as Forcas Armadas tem uma unica funcao: estarem preparadas para defender a Patria em caso de agressão externa. E assim em todos os regimens democraticos. Nos paises onde prevalece o Estado de Direito, as Forcas Armadas nao sao arbitro! Sao-no nos paises dominados por ditaduras da direita (Chile, Paraguai, Guatemala). Nas ditaduras as Forcas Armadas sao o arbitro supremo e substituem-se aos Tribunais, ao Parlamento eleito, ao Governo,etc. Num pais verdadeiramente livre e democratico, arbitro é o povo que se manifesta atraves de eleicoes livres.

José Ramos-Horta
D. 19

Arbitro sao os Tribunais que interpretam e fazem executar as leis que, para serem legitimas, tem que estar assentes na Constituicao. Um Decreto-Lei proclamado por uma ditadura que fere os valores democraticos consignados numa Constituicao nao poder ser legal.

Devo pois discordar com a sua reivindicacao de que as Forcas Armadas de um Timor Leste independente serao o arbitro da vida da Nacao. Vejamos o seguinte cenario futuristico: os oficiais e soldados das FALINTIL de um Timor Leste livre sao maioritariamente simpatizantes da FRETILIN. A maioria nao se esqueceu que foi a FRETILIN que os dirigiu na luta, que foi com a FRETILIN que eles aprenderam o nacionalismo. A maioria nasceu a conhecer a FRETILIN. Ha eleicoes livres. O voto e de 51% pela FRETILIN e 44% pela UDT. A margem e apenas de 3 %. A FRETILIN acusa a UDT de fraude. As FALINTIL sao arbitro e decidem que a FRETILIN tem razao. Prendem os lideres da UDT e proclamam a FRETILIN vencedora.

É hipotetico esse cenario mas e bem possivel. Nao, companheiro Xanana, as Forcas Armadas nunca devem ser chamadas a arbitrar em questoes que competem aos Tribunais.

11. Regime multipartidario

A FRETILIN abandonou a sua reivindicacao de unica legitima representante do povo de Timor Leste . Alias, essa reivindicacao de 1974, nao passava de retorica politica pois todos se recordam que a FRETILIN sempre reconheceu a UDT, tanto que formou com esta uma coligacao em Janeiro de 1975, coligacao essa que durou ate Maio do mesmo ano, quando ela

foi bruscamente terminada pela propria UDT. Mesmo antes da celebracao da CN em Marco de 1986, dirigentes da DFSE sempre reconheceram a UDT. A verdade e que a UDT nao dava sinais de existencia mesmo no exterior, para nao falarmos no interior. Talvez tenha existido na clandestinadade durante todos estes anos e nao tenhamos, por isso, reparado na sua existencia. Sera? Mas nao critico os lideres da UDT que entre 1976 e 1986 se mantiveram discretos. Houve muitas razoes para isso. A maioria so conseguiu sair da Indonesia para Portugal em fins de 1976; so em 1977-78 conseguiram emigrar para a Australia. Depois foram meses e anos de adaptacao a uma sociedade completamente diferente. Tinham mulheres e filhos a cuidar. Tiveram que trabalhar duro em fabricas para sobreviver. Nenhum deles conhecia o mundo exterior, as instituicoes publicas internacionais, as organizacoes de solidariedade. Nao tinham dinheiro. Compreendamos o seu relativo afastamento da luta diplomatica durante aquele periodo.

Os dois partidos que compoe a CN defendem o estabelecimento em Timor Leste de um regime democratico, assente no multi-partidarismo. Sempre advoguei isso. Ja em 1975, numa entrevista ao malogrado Roger East, elaborei os meus pensamentos sobre esse tema. (Tenho em meu poder, essa entrevista, a ultima alias do Roger East, enviada para o exterior). O multi-partidarismo significa precisamente isso. Nao pode significar a aceitacao apenas de partidos de direita. O companheiro Xanana disse, numa das suas cartas,

que se oporia a instalacao em Timor Leste de um regime de esquerda. A Social Democracia está situada a esquerda do Centro. Os Partidos Socialistas portugues e frances, os Partidos Social Democrtas sueco e alemao federal, o Partido Trabalhista Australiano, estao todos situados a esquerda do Centro. Quer o companheiro Xanana dizer entao que so aceitara em Timor Leste regimes de Centro-Direita e da Extrema Direita? Se quer modelos da Direita, tem alguns: o do Suharto na Indonesia, de Pinochet do Chile, de Ferdinand Marcos nas Filipinas, etc..

Sou Social Democrata e orgulho-me de dizer que estou a esquerda do Centro. Como democrata aceitaria os resultados das eleicoes livres sejam eles a favor de um partido da direita ou da esquerda. Nao me oporia se um "PML" dirigido pelo companheiro Xanana ou pelo companheiro Abilio triunfasse nas eleicoes. A minha oposicao far-se-ia sentir nas bancadas do Parlamento, no debate livre de ideias, oferecendo alternativas, criticando construtivamente a gestao do pais pelo partido no poder. Como pode harmonizar o mulpartidarismo, a ser consagrado numa Constituicao, a Lei Suprema do Pais, com a sua declaracao de que nao toleraria a instalacao em Timor Leste de um regime de esquerda?

Companheiro Xanana: compreendo que ao tomar tais posicoes está a faze-las pensando que assim poderia apaziguar os indonesios e os seus aliados. O problema esta no seu raciocinio, certamente influenciado por "doutores" de cafe, de que se todos nos proclamassemos ao mundo o nosso anti-comunismo primario, os EUA, a Europa, Australia, o Japao,

veriam com bons olhos a nossa causa. Isto e simplismo.

Companheiro Xanana: nao havera nenhum timorense mais chegado ao Ocidente do que eu. Admiro o sistema ocidental sem, contudo, pensar que seja o melhor modelo que todos devemos copiar. Nunca, repito, nunca manifestei qualquer admiracao pelos "sucessos" do bloco socialista, muito menos da URSS e dos seus lacaios do Leste. Conheco inumeros politicos americanos e europeus. Conheco pessoalmente o Bob Hawke, Bill Hayden, Andrew Peacock e tantos outros. Ja em 1975 almocei com o Director da CIA australiana. Conheci muito bem o malogrado Olof Palme. Julgo estar numa posicao unica para dizer que nao sera por nos virarmos todos anti-comunistas que esses paises vao alterar a sua postura em relacao a nossa luta.

Devo informa-lo ainda do seguinte: em varias ocasioes fiz saber aos americanos, directamente ou por terceiras pessoas, de que a FRETILIN, num Timor Leste independente, teria em muito boa conta os interesses estrategicos americanos no quadro da ANZUS, e estaria aberta a formas de cooperacao, nesse contexto. Dado que as bases americanas nas Filipinas (Subic Bay e Clark) poderao vir a ser postas em causa, um Timor Leste independente poderia preencher algum vazio que viesse a ocorrer. A verdade e que, companheiro Xanana, os americanos tambem sabem fazer contas basicas de matematica.

Somos 600 mil anti-comunistas e devotos lacaios do Ocidente? O Ocidente ja tem 180 milhoes de anti-comunistas e

José Lamego · Moita
P. 23

lacaios na Indonesia. Nao sera pois por ai que o Ocidente vai mudar de posicao. O mesmo se aplica ao bloco socialista. Nem a URSS, nem Cuba, nem os regimes retrogados e sub-desenvolvidos do Leste, nos apoiaram alguma vez. O Ocidente bem sabe disso. Dai que levantar-se de novo o espantalho do "comunismo" e repetirmos a propria propaganda inimiga.

Nao quero dizer, por outro lado, que se optassemos pela via marxista, nesta fase da luta, nao teriamos problemas. Quando manifestei a minha oposicao frontal a criacao do "PML" na altura propria, e quando me posicionava do lado oposto aos "universitarios" em 1974-75, fi-lo nao so por conviccao filosofica, mas tambem por senso comum, por consideracoes de ordem geo-estrategica. Notar, no entanto, que isto nao quer dizer que foi a "ameaca" (que nao existia senao na propaganda oficial da Indonesia, via ANTARA) da instalacao em Timor Leste de "uma nova Cuba" é que levou Jakarta a invadir Timor Leste em Dezembro de 1975. A invasao armada foi a prossecucao da politica anexionista, por outros meios, quando os meios politicos provaram ser ineficazes. Como dizia Carl Von Clausewitz "a guerra nao e senao a continuacao do processo politico" (On War, 1832).

12.Timor Leste no equacionamento estrategico das grandes potencias

É do conhecimento geral que Timor Leste se situa numa zona de influencia americana, enquadrada no Pacto ANZUS (Australia, Nova Zelandia e EUA). O governo do PM Lange provocou uma crise na alianca ao opor-se a politca nuclear

americana na regiao do Pacifico Sul, estando a NZ agora fora do Pacto.

Nem a China, nem a URSS, tem a mais pequena influencia em toda a regiao que vai desde o Japao, passando pelo Sudeste Asiatico, ate o Pacifico Sul.

Nos anos 50 e principios de 60, a Indonesia do Presidente Sukarno estava intimamente ligada a RPC de Mao e Chou En Lay. A cisao sino-sovietica catalogou os amigos da China como inimigos da URSS e vice-versa. Quando em 1965 o PKI foi dizimado, a URSS nao verteu lagrimas. Comecou-se assim a era de amizade russo-indonesia. As relacoes entre a dita "Patria Socialista" e a Republica fascista do Gen. Suharto cimentaram-se ao longo dos anos 70 e 80.

Para a Indonesia pos-Sukarno, a ameaca para o SEA nao vem da URSS ou do Vietname, mas sim da RPC. Essa percepcao indonesia levou a que Moscovo prosseguisse uma politica de apaziguamento e namoro do regime militar-fascista de Jakarta pois os dois paises tinham um inimigo comum: a China.

Dai que a URSS nunca, por algum instante, tenha considerado qualquer apoio a nossa causa. Apos a invasao, a atitude russa tem sido sempre de estudada indiferenca. A RPC exprimiu a sua solidariedade para com a nossa luta no quadro da ONU.

Entretanto, em 1977, a situacao na Indochina deteriorava-se com a invasao de Camboja pelo Vietname e a invasao deste pela China. Os paises socialistas esqueceram-se da fraternidade socialista e degladiaram-se, levando a um novo equacionamento politico na regiao. Os paises da ASEAN

José Ramos-Horta
D. 25

que ao contrario da Indonesia viam no Vietname a ameaca para a sua seguranca, viam assim confirmadas as suas percepcoes. A China passava a ser a aliada objectiva da ASEAN contra o Vietname. Assim, a propria China, a partir de 1977, comecou a recuar na sua posicao de apoio a nossa causa. Os seus interesses estrategicos na Indochina eram bem mais importantes que a questao de Timor Leste.

A Indonesia manteve a sua tese de que a ameaca para a regiao provinha da China e, embora condenasse a intervencao vietnamita no Camboja, em solidariedade com os seus parceiros da ASEAN, sobretudo a Tailandia, procurou para si um papel de mediador do conflito. A URSS via assim na Indonesia um pais amigo.

Por outro lado, Jakarta procurava incrementar as suas relacoes estrategicas com os EUA, conseguindo assim tres grandes vitorias: relacoes privilegiadas com um aliado estrategico, relacoes amistosas com a URSS, e neutralizacao da RPC.

A Indonesia nao enfrenta pois qualquer ameaca externa. O actual clima de distensao internacional e o crescendo do nivel de cooperacao entre as grandes potencias na solucao de conflitos regionais, retira o que resta do velho argumento indonesio de "ameaca" a paz e estabilidade...

Os estrategas do Ocidente nunca tiveram quaisquer duvidas se a URSS ou a RPC apoiariam a nossa causa. Sabiam, como o tempo veio a confirmar, que a URSS priorizava as suas relacoes amistosas com a Indonesia e a RPC nao estava em

condicoes de fomentar qualquer "revolucao" em Timor Leste depois do grande "debacle" de 1965 em que o PKI foi destrocado. Dai que a tao propalada "ameaca comunista" so existia na mente febril dos generais indonesios que se preocupavam mais em convencer o publico indonesio, este mais receptivo, porque menos informado, sobre uma potencial ameaca comunista nas suas fronteiras do que o Ocidente. Este, ao apoiar a Indonesia, fe-lo porque Timor Leste era uma peca insignificante quando posta na balanca das relacoes Ocidente-Indonesia - e nao porque os governantes ocidentais acreditassem na falaciosa propaganda da ANTARA.

Julgo que estas consideracoes servirao para nos inteirarmos, de uma vez para sempre, de um facto: sao o pragmatismo e os interesses nacionais que ditam a politica externa de todos os Estados do mundo. Nunca a URSS apoiou um movimento ou governo apenas por solidariedade socialista. O apoio sovietico estava sempre na proporcao directa da importancia estrategica do pais ou paises em causa.

13. Caminhos do futuro

O horizonte se apresenta sombria. Nao vejo nenhuma luz no fim do tunel. Companheiro Xanana: tenho plena consciencia das dificuldades porque passa. As suas mensagens nao podiam ser mais eloquentes, mais elucidativas da extrema gravidade da situacao. E revolta-me e repugna-me a atitude de certos irresponsaveis e oportunistas que o terao persuadido de que tudo se resolveria se o companheiro ordenasse a dissolucao da DFSE, fizesse uma critica unilateral e feroz contra os

José Ramos-Horta
P. 27

"marxistas" da FRETILIN, se aliasse a certos megalomonos no exterior, etc. Nao tome as minhas palavras como "licoes" de um "doutor". Tome-as apenas como de um companheiro de luta que o venera pela sua coragem e lucidez, muitas vezes demonstradas, ao longo destes longos 14 anos de luta sangrenta.

A nossa fe é grande e a nossa determinacao tem que ser maior. O mundo esta em mudancas. As ditaduras da direita tem desmoronado uma atras de outra. Os regimes arcaicos do Leste, desde a URSS a Hungria e a Polonia, estao a ceder terreno perante a vontade popular.

Estes ventos de mudanca estao a afectar a propria Indonesia. As ditaduras, da esquerda e da direita, sao pequenas ilhas rodeadas do mar da democracia. A ditadura do gen.Suharto esta embaracosamente isolada. Cada ano que passa, torna-se mais vulneravel as pressoes domesticas e externas.

Devemos prosseguir a luta a todos os niveis, em todos os quadrantes, porque o tempo joga a nosso favor. Nao percamos a esperanca. É a unica forca que temos. Se perdermos a esperanca perdemos tudo.

No exterior prosseguiremos a luta atraves da mobilizacao da solidariedade internacional; continuaremos a denunciar os crimes do exercito indonesio; atraves de uma actuacao aberta ou discreta tentaremos sensibilizar os governos do mundo para a nossa luta. Nao daremos treguas ao inimigo.

A DFSE continuara a batalhar para impedir que o

Presidente Suharto seja eleito Presidente do Movimento dos Paises Nao-Alinhados. Conseguimo-lo ja tres vezes, em 1985, 1986 e 1988. A CN concertara esforcos com o Governo Portugues e os Governos amigos dos Paises Africanos de Lingua Oficial Portuguesa. Os ultimos 13 anos nao foram so anos de derrota. Tivemos algumas vitorias. Maior vitoria é o facto de ao fim de 13 anos, a Indonesia nao ter conseguido eliminar a questao de Timor Leste da agenda da ONU, nao ter conseguido sufocar o debate em torno da nossa luta. Outras vitorias, maiores ainda, virao.

14.Conclusao.

Para terminar, companheiro Xanana, so lhe quero pedir que confie na DFSE. Confie naqueles que ao longo dos ultimos 14 anos deram o melhor de si pela nossa causa. Nao de ouvidos as "velhas comadres" frustradas que tentam destruir a DFSE sem oferecer uma alternativa melhor. Nao de demasiada importancia as "beatas" e padrecos que, do exterior, se arvoram em grandes politicos quando deviam concentrar mais as suas energias em orar ao Pai por nos. Os padrecos que estao tao proximos do Vaticano deveriam poder explicar a hipocrisia monstruosa que grassa a Igreja de Sao Pedro. Os Pablos Fuentes, Canallinis e Cazarolis deste mundo, sao apostolos da hipocrisia, sao mestres da falsidade e da mentira, das intrigas palacianas, que sempre fizeram parte do Estado de Vaticano desde que Judas traiu Cristo.

A FRETILIN deve continuar a existir no interior.Perante os nossos queridos companheiros de luta que continuam fieis

ao ideario nacionalista e frentista da FRETILIN, e que de armas na mao, nas montanhas, nas cidades, na rede clandestina e nas prisoes inimigas, nao negam e nao atraicoam a FRETILIN, curvo-me com respeito e humildade. Vós sois os nossos verdadeiros lideres. No exterior estamos seguro das balas inimigas e das suas prisoes. Alguns de nos ate estao muito bem na vida. (Falo de dirigentes da FRETILIN e da UDT).Alguns tem a sua vida bem organizada, emprego, casa, familia. Ao longo de 13 anos, recompuseram as suas vidas. Vós, pelo contrario, tem dado toda a vossa vida pela nossa causa. A vossa humildade, a vossa generosidade, sao demasiado grandes, quando nos reconhecem como vossos lideres!

Entristece-me quando o companheiro Xanana trata os lideres no exterior como os <u>vossos</u> lideres. A vaidade, a arrogancia e a megalamania nunca hao-de cegar-me ao ponto de me intitular lider daqueles que estao verdadeiramente a liderar a resistencia politica e armada. Nao me facam rir, companheiros: lideres a partir de Lisboa, Liverpool, Cabramata, Perth, Darwin? Lideres vossos, vos que estais a demonstrar uma coragem e devocao sem paralelo?

Nao aceitarei pois qualquer lideranca no exterior que queira substituir-se a lideranca no interior. Nem tao-pouco consigo enxergar, no exterior, qualquer timorense que tenha dado mais provas do que eu em dedicacao e competencia. Aceito lideres, homens ou mulheres, integros, com visao e coragem, que tenham dado provas de inteligencia, maturidade e coragem. Nenhum "doutor" de cafe ou oficial-amanuense ja deu provas

para merecer a minha total confianca e respeito.

Apelo ao companheiro Xanana e aos nossos queridos companheiros do CCF no interior para que confiem em nos, na DFSE, e nao tentem impor alternativas descabidas que ja estao a causar mau estar, confusao e desmoralizacao entre muitos dos nossos melhores companheiros. Nunca farei guerra aos companheiros dirigentes no interior mesmo que teimem em ditar-nos as suas "alternativas". Mas reservo o direito de retirar-me para a minha condicao de simples cidadao maubere, negando-me a sujeitar-me aos mandos de analfabetos, fala-baratos, gabarolas e incompetentes no exterior.

E no dia em que decidir que, em consciencia, devo afastar-me, apontarei os dedos, um por um, aos responsaveis pela situacao criada para que sejam responsabilizados pelas consequencias das suas accoes mesquinhas, perante o nosso povo e perante o mundo. Nao lhes darei treguas. Farei conhecer ao mundo a personalidade sordida, irresponsavel, hipocrita, dos elementos que se arvoram em sabichoes e ultra-patriotas, ultra-democartas, que no exterior pretendem dirigir a luta. Sei que certos elementos em Jakarta estao conluiados com o famigerado Rogerio Lobato, ex-recluso da cadeia civil de Luanda. Hoje o Sr. Rogerio Lobato passeia em Lisboa de "Mercedez", gozando os frutos dos roubos de diamantes de Angola. Tenho em meu poder extractos do processo-crime movido contra o Rogerio Lobato pelo Procurador-Geral da Republica Popular de Angola, assim como o seu julgamento e confissao. No dia em que o Sr. Rogerio Lobato for readmitido na DFSE ou na FRETILIN como dirigente,

farei circular todo esse processo pelo mundo fora. Que isto fique como aviso aos correlegionarios desse traficante de diamantes que agora se intitula "Chefe de Estado Maior das Forcas Alias de Timor Leste, Sumatra e Nova Guine Ocidental"! Teria sido o companheiro Xanana que o nomeou para cargo tao ambicioso? Ou teria sido o Presidente Suharto? Chega de brincadeiras, senhores!

As celulas clandestinas da FRETILIN em Timor Leste e na Indonesia devem continuar a existir com redobrada vigilancia. O companheiro Xanana nao tem o direito de ordenar a dissolucao ou "despartidarizacao" das celulas clandestinas. Elas tem que trabalhar com uma organizacao seria, experiente no trabalho politico e clandestino. A despartidarizacao significa passar-se a trabalhar em moldes "ad hoc", com grupos e grupinhos no exterior sem qualquer experiencia e sensibilidade no dominio da luta clandestina. Mesmo agora ja existe muita confusao; toda a gente tem a sua "rede", tem os seus "contactos". Ate parece que estamos a brincar ao futebol. A despartidarizacao da luta clandestina significaria a anarquia e caos, infiltracao pelos agentes inimigos, e destruicao de toda a rede com perdas de vida. Ha muitos patricios timorenses na Australia e Portugal que nao tem a minima nocao do que é a luta clandestina. Nao tem a minima nocao de seguranca. E sei que sao recipientes de informacoes vindas do interior. Companheiros: prefiriria afastar-me completamente da luta a tornar-me parte de um sistema de trabalho anarquico, caotico, e ser co-responsavel por prisoes

e mortes em resultado de amadorismos e irresponsabilidades em nome da "despartidarizacao".

Aos nossos gloriosos companheiros de luta nas zonas ocupadas, em Dili, Baukau, Vikeke, Kupang, Denpassar, Jakarta, apelo para que se mantenham fieis a FRETILIN, que continuem a lutar dentro da FRETILIN, dentro de uma organizacao seria com longa experiencia da luta clandestina.

Nao sei se a UDT existe enquanto organizacao politica e militar no interior. Alguns dirigentes da UDT ate reivindicam ter combatentes, comandantes, no interior. O Sr. Joao Carrascalao ate declarou recentemente, numa reuniao da CN em Darwin, que a UDT tinha "Quatrocentos mil membros em Timor". O Sr. Carrascalao nao explicitou se os "400 mil" cobriam apenas adultos ou tambem criancas, recem-nascidos e fetus.

Para mim, a Resistencia é de todo um povo, mas ela tem que estar dirigida, por uma Organizacao politica. O partido mais experiente, bem organizado, com os melhores quadros superiores e medios, dirige a luta. Essa e a experiencia de sempre, de todas as lutas de libertacao. Certo, cada luta de libertacao tem as suas caracteristicas. A minha preocupacao e que em nome de uma "despartidarizacao" influenciada pelos "doutores" e padrecos do exterior se sacrifiquem o sigilo, a seguranca, filtragem, vigilancia, em suma, as condicoes "sine quo non" de uma organizacao em tempo de guerra, com consequencias faceis de antever.

Sempre entendi o Conselho Revolucionario de Resistencia Nacional (CRRN) como uma organizacao politico-militar eminentemente frentista que englobaria, no seu seio,

Jose Ramos-Horta
D. 33

responsaveis politicos e militares dos dois grandes partidos, partindo do pressuposto de que a UDT tambem esta organizada no interior como a FRETILIN que sempre teve a maioria dos seus quadros medios e superiores dentro de Timor Leste, quer nas zonas ocupadas, quer nas montanhas.

O companheiro Xanana seria o Presidente do CRRN, isto e, da Resistencia Maubere, no todo. O CRRN estabelece a estrategia de luta politica, diplomatica e militar, coordena todos os aspectos da nossa guerra de libertacao. No entanto, os dois partidos manteriam a sua propria identidade, a sua completa independencia partidaria.

Eu entenderia melhor uma estrutura desse genero do que "despartidarizacao" da guerra de resistencia com todos os riscos que dai advem. O CRRN seria assim o orgao supremo do comando da luta, dirigindo as proprias FALINTIL, nas quais estariam forcas nacionalistas de todas as cores politicas, isto e, ligadas a todos os partidos e sob o comando politico e militar dos dirigentes dos dois grandes partidos politicos.

Estas sao algumas consideracoes que deverao ser tomadas apenas como um pequeno contributo para melhor se definir o comando e estrategia de luta. Nao pretendo de forma alguma ditar seja o que for para o interior. Alias, essas consideracoes sao, afinal, a minha interpretacao da funcao e natureza do CRRN quando este orgao foi criado. Foi assim, alias, que sempre procurei explica-lo aos meus interlocutores pelo mundo fora, dentro do espirito de apresentar a imagem de uma Resistencia Unificada, verdadeiramente ampla e

representativa de todo o povo Maubere.

No exterior, a FRETILIN e a UDT, sao mandatarias do povo Maubere perante o mundo. Funcionam atraves das suas respectivas instituicoes criadas no exterior. A CN nao substitui os dois partidos, nem esta acima dos mesmos. Pelo contrario, ela existe porque os dois partidos existem. A CN e nada mais, nada menos, que uma concertacao de esforcos dos dois partidos no plano politico e diplomatico. Por enquanto nao vejo a necessidade de um outro orgao.

Aproveito para informar o companheiro e todos os camaradas e compatriotas que resido actualmente em Sidney, Australia, exercendo as funcoes de Director Executivo do Progama de Estudos Diplomaticos da Faculdade de Direito da "University of New South Wales". Continuo a fazer a cobertura da ONU, deslocando-me para Nova Iorque durante a Assembleia Geral e sempre que necessario. Nao abandonei o meu posto junto as Nacoes Unidas. Tive que sair de Nova Iorque porque a DFSE nao podia custear a minha presenca e a manutencao de uma Representacao naquela cidade.

Voltarei a escrever na primeira oportunidade.

Lisboa, 1 de Julho de 1989.

Assinado: José Ramos-Horta

Jose Ramos-Horta
Secretario para Relacoes Internacionais
& Informacao
Representante para as Nacoes Unidas

Distribuicao: GERAL. Contacto: P. O. Box 643
Liverpool, NSW 2170
Australia

Tel.: (02) 600 7828